

Xenofobia patológica

19 MAI 1988

SÃO muitos, dentro e fora do País, os que advertem para o vezo xenófobo que marca a discussão de nosso futuro texto constitucional. E a denúncia tem procedência, verificada, em parte, pelo próprio Relator, Deputado Bernardo Cabral, em entrevista ao GLOBO: "A xenofobia manifestou-se até de forma radical: na discussão sobre a exploração de petróleo, na pretensão de estatizar a economia brasileira, na pretensão de se garrotear o serviço bancário."

O RISCO é não se exaurir a xenofobia no debate e na discussão, passando a impregnar artigos da Constituição futura, a induzir, pela base, uma deformação em toda a nossa ordem jurídica e a perverter mentalidades e consciências. Estaríamos, então, no rumo de uma patologia social; de difícil terapia, como todas as doenças sociais: por serem coletivas, costumam passar por normalidade. Foi assim que muitas sociedades conviveram, com a maior naturalidade, com o que se verificaria ser depois inaceitável aberração.

CONTRA a iminência de tal risco não parece prevenido o Relator Bernardo Cabral; tanto que não atinou com o preconceito que sua expressão trai, ao falar, a propósito da nacionaliza-

ção do subsolo brasileiro, em colocar "o País a salvo das garras externas em nosso espaço": por que só o estrangeiro tem garras? Por que será o Brasil o paraíso terrestre da evolução da espécie humana, aqui eternamente a salvo da produção de monstros ferozes de cobiça e de aves de rapina?

NORMAL em sociedades de estruturação ainda recente e frágil, a xenofobia é patológica em outras, conscientes e seguras de si pela convergência comum de relações múltiplas e intensas. O primitivo não conhece outro fator de identidade social e de afirmação, fora a oposição; e quanto mais carece de identidade, tanto mais cega e radical será a oposição: da constituição de um "inimigo" — real ou fantástico, pouco importa — é que depende a união dos "amigos".

NAS SOCIEDADES mais evoluídas, a xenofobia é tão patológica quanto seu afim, o misoneísmo — a aversão pela inovação. Aquela e este, porém, são freqüente e simultaneamente despertados nas massas por lideranças políticas concentradoras e autoconservadoras; e com possibilidade de êxito, já que o primitivo sempre dorme em todos nós, sem jamais morrer.

QUEM ignora quanto a xenofobia foi essencial ao racismo nazista e quanto o mito do sub-homem eslavo ou latino foi a justificativa absolutamente simétrica de um outro mito, o do super-homem ariano puro? Quem ignora quanto a escravidão, cuja abolição queremos celebrar, foi também função do etnocentrismo europeu?

E A aberração, que a xenofobia sempre é, não diminui pelo fato de se dirigir agora contra o capital estrangeiro, tão-somente. Continua tal qual, e denunciada até pelo fato de se privilegiar, assim, o adjetivo sobre o substantivo: não é por ser capital, e sim por ser estrangeiro que o capital se degenera em mau, predador e nocivo aos interesses nacionais. Ser estrangeiro é o pecado original do capital — está aí a xenofobia. Assim como ser nacional, ou estatal, será sua redenção — está aí o mito; com coloração religiosa ou teológica, quando oportuno.

O MAIS humilhante da escravidão foi ter ela sido, durante tanto tempo, um fenômeno de civilização. Também o pior da xenofobia será admiti-la na Constituição, sem a explicitar e confessar. Xenofobia e escravidão constituem ambas agressões à Humanidade.